

Enquanto a crise económica está a exacerbar as tensões entre Estados e a acelerar a corrida do rearmamento, neste Dia de Maio de 2021, marcado pela pestilência e pelos cheiros da miséria e da guerra, o proletariado internacional, unido através de todas as fronteiras, lança de novo o seu desafio ao mundo burguês putrefacto: COMUNISMO!

A guerra comercial de vacinas que foi desencadeada entre Estados impede-os de enfrentar a crise de saúde. Isto também mostra que o regime do Capital, baseado no lucro e na exploração do trabalho assalariado, é o regime de uma sociedade moribunda que é agora incapaz de saber e fazer.

Em vez de unir os esforços da ciência e da tecnologia no objetivo comum de conter o vírus, que só é possível numa sociedade que ultrapassou o comércio, a pandemia deu, pelo contrário, um novo impulso aos antagonismos e ao confronto entre burguesias nacionais, e especialmente aos blocos e alianças.

Nenhum Estado hesitou em sacrificar os seus trabalhadores para defender a “economia nacional”, coisa que só quer dizer capital nacional, numa tentativa de utilizar para obter vantagem sobre os seus concorrentes.

As vacinas, que deveriam estar livremente à disposição de toda a humanidade, tornaram-se uma arma da burguesia rica contra as classes pobres dos países menos industrializados, e um instrumento de pressão diplomática ou militar.

A crise económica causada pela sobreprodução de bens, exacerbada pela pandemia, está a causar desemprego em todo o mundo. Nesta situação, a classe trabalhadora está a ver as suas condições agravarem-se em todo o lado.

Em todos os países, a ruína da pequena e média burguesia acelerou; a maior parte das suas atividades comerciais e de pequena produção estão encerradas, enquanto os lucros e as receitas continuam a crescer para as grandes empresas.

Pagam abaixo do salário mínimo, horários de trabalho tão prolongados que não há lugar para qualquer outra atividade humana, ritmo de trabalho cada vez mais frenético, desemprego, precariedade e insegurança permanentes, a dupla exploração da mulher proletária; estas são as armas de extorsão impostas à classe trabalhadora pelo privilégio económico de uma burguesia inepta, agora condenada pela história.

Face a este ataque de escala internacional pelo regime burguês, a resposta da classe operária deve ser igualmente forte.

Já há tentativas de luta de classes a sério dispersadas pelo mundo inteiro. Elas aparecem em várias categorias, muitas vezes os proletários mais oprimidos. Estas lutas mostram que as minorias proletárias sabem que estão a ser exploradas e a rebelar-se contra o jugo do capital, mesmo que não consigam unir-se completamente e liderar a grande maioria dos proletários, que frequentemente ainda são dominados pelas ilusões do reformismo.

O regime do Capital está a tornar-se cada vez mais despótico e militarista, mesmo em Estados que se proclamam democráticos. Leis contra greves e sindicatos de classe estão a ser reforçadas em todo o lado, e movimentos populistas, racistas, nacionalistas e religiosos-extremistas estão a ser criados, todos prontos a apoiar o aparelho repressivo do Estado contra qualquer tentativa de rebelião proletária.

Mas o proletariado não tem nada a ganhar com a defesa da democracia burguesa, que é apenas uma máscara para a sua ditadura impiedosa.

A crise económica, agravada pela pandemia, tem repercussões nas finanças dos Estados; o produto dos impostos está a colapsar, enquanto as intervenções em auxílio dos capitalistas inflacionaram a dívida pública.

Embora grandes esforços devam ser feitos para reforçar o sistema mundial de saúde, para reduzir drasticamente a sobreprodução louca de bens inúteis, e para defender os recursos naturais que permitem a reprodução harmoniosa de espécies animais e vegetais, é evidente que nada está a mudar no regime do Capital, nem pode mudar, no propósito e função das forças e recursos sociais.

Entretanto, o crescimento das despesas militares está a acelerar. Os estados maiores estão a adotar atitudes agressivas para assegurar o controlo de regiões e pontos críticos estratégicos, preparando-se para uma nova guerra geral. Em 2020, as despesas militares mundiais ultrapassaram um obscuro 1,83 biliões de dólares, mais 3,9% do que no ano anterior em termos reais.

A crise económica não vai parar com o fim da pandemia. E terá um impacto violento na classe trabalhadora e na classe média. Mas também irá dominar todos os sectores financeiros, industriais e comerciais. A tensão entre as grandes economias e os imperialismos irá aumentar ainda mais: os EUA, China, Rússia, Alemanha, Japão, Inglaterra, França...

Nesta situação crucial, o proletariado – uma classe que sempre foi internacional, no facto e no seu destino histórico – deve olhar para trás e redescobrir a grande força das suas poderosas organizações económicas e políticas, aquelas que, há um século e meio atrás, "atacaram o Céu" na Comuna de Paris e, há um século atrás, fizeram tremer todas as classes dirigentes do mundo, tomando o poder com sucesso na Rússia e estabelecendo a sua própria ditadura.

O primeiro Estado proletário foi destruído a partir de dentro pela traição Estalinista; ainda há um longo caminho a percorrer para recuperar dessa derrota, mas o tempo chegará.

O proletariado rejeitará então qualquer paroquialismo nacionalista, qualquer solidariedade nacional com a sua própria burguesia. Rejeitando o caminho da colaboração de classe para o qual os partidos social-democratas e os sindicatos colaboracionistas o convidam, o proletariado reforçará as suas organizações contra eles: os seus verdadeiros sindicatos, que são necessários para a defesa das suas condições quotidianas, e o seu partido, órgão indispensável para dirigir a luta contra os Estados burgueses e para a revolução comunista mundial.

PARTIDO COMUNISTA INTERNACIONAL

international-communist-party.org

icparty@interncommparty.org FB: international communist party